

A Mesa da Palavra explicada

Diácono José Luís

Domingo XVI do Tempo Comum - Ano C – 20.07.2025

1ª leitura – Gênesis 18, 1-10a

Salmo – Salmo 14 (15)

2ª leitura – Colossenses 1, 24-28

Evangelho – Lucas 10, 38-42

Irmãos e irmãs na fé em Jesus, Deus que desceu até nós para nos escutar e alimentar a nossa fé e a nossa esperança.

As leituras deste Domingo podem ser motivo de reflexão tendo como chave o encontro.

O encontro de Abraão com Deus, o encontro de Paulo com a Igreja, o encontro de Marta e Maria com Jesus.

Também nós estamos aqui por causa dum encontro. Porque queremos encontrar Jesus e encontrar n'Ele, na Sua palavra, a orientação, a iluminação, a esperança que sentimos necessária à nossa vida ou à vida dos nossos próximos. E nenhum de nós deveria partir deste encontro de mãos fechadas, de coração vazio. Porque Jesus escuta as nossas palavras, dá-lhes valor e move o céu e a terra para nos responder. Nós é que quase sempre não O entendemos, duvidamos da resposta, no nosso íntimo rimo-nos, e como Pedro pensamos: eu não conheço este homem.

Na Leitura 1, Deus aparece a Abraão. É uma imagem muito bonita e cheia de significados. Abraão recebe três homens. Trata-os por “Meu Senhor” no singular e o texto desenvolve-se referindo-se sempre no plural quanto aos três homens e no singular quanto a Deus. Muitos teólogos vêem neste encontro a primeira manifestação da Trindade Divina.

Abraão fica de pé junto deles; Sara sua esposa fica à parte preparando-lhes uma refeição. Não se junta a eles.

Abraão e Sara eram velhos. Sabiam da promessa de Deus de que a sua geração seria numerosa como as estrelas do Céu. Mas não tinham ilusões: o tempo não pára.

Por isso, quando antes da partida os três homens anunciam que dali a um ano Sara seria mãe de um filho, a reacção de Sara foi rir-se. Quem seriam aqueles tolos? Por isso o seu filho recebeu o nome de Isaac, que em hebreu quer dizer “rir”.

Na Leitura 2, Paulo sofre com alegria e não foge aos tormentos e às dificuldades porque encontrou Cristo e perdeu o riso. Mudou de vida e entregou-se a viver em plenitude a fé e a espalhar a alegria de pertencer a Cristo.

O Evangelho também nos tira o riso. Os Evangelhos falam-nos de diversos encontros de Jesus. Com pobres e ricos, doutores e pecadores, alguns encontros devem ter sido bem animados, comendo e bebendo com quem se encontrava. Falando e escutando, curando e aconselhando. Mas este encontro com Marta e Maria é único no seu significado: que atitude tomar no encontro com Jesus: a de Abraão que fica de pé, em silêncio junto do Senhor? A de Paulo, que parte a construir igrejas? A de Sara que se ri?

Lucas fala-nos de duas mulheres e de duas atitudes bem distintas: Marta, a acção; Maria, a escuta. Marta personifica a atitude de “ser para”. Maria a atitude de “estar com”.

Marta representa o serviço, Maria representa a companhia. Na nossa vida, em algum momento precisamos de quem nos ajude, mas precisamos também muito, e será porventura mais difícil de encontrar, de quem nos escute.

Por um breve momento, olhemos o nosso íntimo e pensemos com quem nos parecemos mais, com Marta ou com Maria?

Perante estas duas atitudes, Jesus diz claramente qual considera mais importante. E à queixa de Marta responde com carinho: “Marta, Marta” - Não te inquietes à toa porque Eu estou aqui. Maria escolheu o melhor e por isso ninguém lhe poderá tirar o que considera importante.

Este encontro de Marta e Maria com Jesus fez-me pensar naquele verso tão conhecido e tantas vezes papagueado “nós somos as pedras vivas do templo do Senhor”.

Não somos nada. A maior parte do tempo portamo-nos como se fôssemos o pedreiro. Que faz das pedras o que quer e as coloca onde entende. Que as considera suas. E esquecemo-nos, ou desprezamos, se calhar entre risos, que Ele, Cristo, é a verdadeira construção, a verdadeira Igreja viva e nós simples membros.

“Haverá alguma coisa impossível ao Senhor?” como disse Deus a Sara. Nós somos o barro nas Suas mãos e Ele fará connosco o que achar melhor.

Na nossa actividade pastoral, quantas vezes nos consumimos em actividades, em acções, em explicações? Queremos concorrer com quem apenas actua, deixando Deus de fora.

Temos horror ao silêncio, ao vazio. Queremos formação para tudo, regras e doutrina para tudo. Gastamos energia a fazer, a fazer... e nem um pouco a escutar o Senhor, a Sua palavra, a escutar o Espírito, a procurar a Sua voz nos berros do mundo. Porque Ele continua aí, a pedir que O escutemos.

Ficamos esgotados: Bispos, Padres, Catequistas. Parámos e parece que não fizemos nada, as pessoas não vieram, o trabalho foi em vão.

Depois cansamo-nos e desistimos. Passámos do riso ao choro e até pomos as culpas em Deus: afinal fizemos tudo tão bem feito, com tanto esforço...

Mas...

Rezamos pouco e rezamos mal. Pedimos mal e a despropósito. Negociamos com Deus.

Como Marta achamos que é preciso fazer, é preciso ir, é preciso estar, se possível muitos, e não temos tempo para escutar, para o silêncio, para falar ao nosso Deus, o Senhor da Messe. Alimentar o nosso coração, animar o espírito. Preparar a acção física com a força espiritual da oração.

Quanto de nós rezamos ao início de uma nova tarefa? Dum novo dia? Quando foi a última vez que ficamos em silêncio adorando o Senhor e pedindo o Seu conselho? E partir daí para a acção, para o trabalho?

É a união destas duas atitudes que faz o verdadeiro cristão. Nem só a contemplação nem só a acção. Como nos dizem os Actos dos Apóstolos, “não fiqueis a olhar para o Céu. Ide construir o meu Reino.

Transformar o mundo como operários de Deus, com a força de acreditar que é só Ele quem pode transformar os corações.

Por isso Lho pedimos, com fé e esperança, no amor aos outros.

José Luís